

Assistimos à criação dos planos, dos projetos, perplexos percebemos que, em detrimento deles, as soluções apresentadas não têm revertido o quadro de miséria e injustiça da população do Nordeste. Resta-nos lembrar a sabedoria de Riobaldo, grande personagem do escritor Guimarães Rosa, que tão a propósito dava a solução: "Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção — proclamar por uma vez, artes assembléias, que não tem diabo nenhum, não pode. Valor de lei! Só assim, davam tranqüilidade boa à gente. Por que o Governo não cuida?!".

Maria Evangelina Carneiro Campos
Pesquisadora do Depto. de Sociologia da
Fundação Joaquim Nabuco

HOFFMANN, Helga. *Desemprego e subemprego no Brasil.* São Paulo, Editora Ática, 1977. 183 p. (Coleção Ensaaios, 24)

Subemprego: um sintoma

Subemprego, ainda mais que o desemprego aberto, tem sido cada vez mais apontado como sintoma do desenvolvimento inadequado na maioria dos países do Terceiro Mundo. Sua cronicidade tem resistido mesmo aos períodos de expansão econômica. Daí a persistência do tema nos planos e nas discussões de política em países subdesenvolvidos, e a persistência da expressão não-emprego, para frisar a manutenção do desemprego que vem afligindo os países altamente industrializados durante os períodos de recessão.

Desemprego e Subemprego no Brasil examina as dimensões do problema em nosso País, ao longo da História, e sobretudo nos dias atuais, quando a urbanização acelerada tornou visível o que antes estava oculto no mundo rural. As teorias explicativas do desemprego são tratadas sempre que possível em confronto com a realidade brasileira. Do mesmo modo, as sugestões de política econômica que visam aumentar a absorção de mão-de-obra.

O livro da economista Helga Hoffmann contém, inicialmente, um breve retrospecto histórico, em que a autora situa o aparecimento do desemprego e do subemprego como problema no momento em que a população urbana começa a sobrepujar a do campo; antes disso, grande parte da subutilização de mão-de-obra permanente oculta no mundo rural, a segunda parte do livro é um registro da situação ocupacional do Brasil nos dias atuais, a partir dos dados existentes: trata-se de identificar em que medida existe um problema de desemprego na presente etapa do desenvolvimento brasileiro. Tanto a terceira como a quarta parte analisam teorias e hipóteses explicativas da ocorrência do desemprego e do subemprego em países subdesenvolvidos, as quais têm sido apresentadas também como referência ao caso brasileiro; a quarta parte concentra as explicações

apresentadas por sociólogos e cientistas políticos, examinando os estudos sobre as chamadas populações marginais, na medida em que, essencialmente, o seu objeto é o mesmo fenômeno do desemprego, examinado sob outros ângulos e repercussões. Finalmente, na quinta parte, são discutidas possibilidades de conflito entre políticas de emprego e políticas de desenvolvimento, e se examinam as propostas que têm surgido para enfrentar o problema no Brasil. As cinco partes em que a autora divide o texto estão evidentemente interligadas, mas, ao mesmo tempo, admitem que cada uma se mantém como unidade que pode ser lida em separado.

No prefácio, a autora adverte que esse trabalho foi redigido em etapas. Uma, no primeiro semestre de 1971, uma outra no primeiro semestre de 1972, tendo aproveitado a colocação dos seus ex-colegas no Departamento de Economia da Universidade de Brasília, que, nesses períodos, distribuíram entre si uma parte da carga de trabalho que lhe cabia. Alguns dos capítulos, lembra Hoffmann, foram discutidos em abril de 1971, num seminário do referido Departamento, com participação de professores do Departamento de Ciências Sociais da UnB.

A Questão do Desemprego

Quantificado ou não, objeto de estimativas mais pessimistas ou mais otimistas, o fato é que o desemprego em nosso País, em particular nas suas áreas mais atrasadas, é um tema constante de preocupações de amplos setores, de teóricos, de executivos, e de governos diversos. Assim, começa Helga Hoffmann a quinta parte do livro. Lembra que todos os Planos Diretores da SUDENE referem-se ao problema e, do mesmo modo, vários dos programas de desenvolvimento estadual. Lembra a autora que o Plano Trienal 1963-65, "assoberbado com o problema de inflação e de estrangulamento cambial", só tratou do problema da absorção de mão-de-obra com referência ao Nordeste, no item Correção da Ação Econômica do Governo 1964-66, Metas e Bases para a Ação do Governo, de 1970, chegando ao mais recente Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico-Social 1972-1974. Todos os planos contêm extensos comentários e explicações teóricas para a baixa absorção de mão-de-obra na indústria, bem como propostas diversas visando solucionar ou amenizar o problema. Também entre técnicos fora dos escalões governamentais, bem como da área acadêmica, têm sido apresentadas idéias e sugestões, tendo em mente a realidade dos países sub-desenvolvidos em geral, ou especificamente a do Brasil.

Na verdade, conclui a autora "não será possível obter resultados proporcionais às dimensões do problema do emprego enquanto ele for abordado através de medidas parciais e isoladas do conjunto das formulações da política econômica. O esforço futuro deve ser para que a política de emprego seja formulada em combinação com a própria política de desenvolvimento, constituindo um só todo coerente, e não seja como tem sido até hoje apenas um capítulo lateral ou adicional".

Rosa Maria do Nascimento Amorim
Pesquisadora do Depto. de Economia
da Fundação Joaquim Nabuco